



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE HISTÓRIA**

**ELIANE DE CAMPOS VIEGAS**

**AS MULHERES NEGRAS ENTRE O CABELO LISO E O CABELO  
ENCARACOLADO**

**GUARABIRA  
2016**

**ELIANE DE CAMPOS VIEGAS**

**AS MULHERES NEGRAS ENTRE O CABELO LISO E O CABELO  
ENCARACOLADO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em História.

Área de concentração: História Cultural.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edna Maria Nóbrega Araújo.

**GUARABIRA**

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

V656m Viegas, Eliane de Campos  
As mulheres negras entre o cabelo liso e o cabelo encaracolado [manuscrito] / Eliane de Campos Viegas. - 2016.  
20 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.  
"Orientação: Edna Maria Nóbrega Araújo, Departamento de  
História".

1. Cabelo. 2. Identidade. 3. Mulher Negra. I. Título.  
21. ed. CDD 981

ELIANE DE CAMPOS VIEGAS

AS MULHERES NEGRAS ENTRE O CABELO LISO E O CABELO ENCARACOLADO

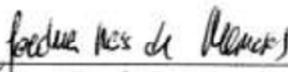
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em História.

Área de concentração: História Cultural.

Aprovada em: 09/05/2016.

BANCA EXAMINADORA

  
Prof. Dr.<sup>a</sup> Edna Maria Nóbrega Araújo (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Dr. Joedna Reis de Meneses  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Dr.<sup>a</sup> Susel Oliveira da Rosa  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## AS MULHERES NEGRAS ENTRE O CABELO LISO E O CABELO ENCARACOLADO

Eliane de Campos Viegas\*

### RESUMO

No presente artigo, pretendo abordar como os preconceitos vivenciados pelas mulheres negras, ao longo da história, contribuíram para que elas abram mão da sua identidade, dos seus cabelos afro, cacheados, ou crespos em troca de cabelos lisos seja por meio de chapinhas ou alisamentos químicos. Foram realizadas entrevistas com mulheres negras entre 16 e 42 anos com cabelos lisos e cacheados. O cabelo crespo é um dos principais argumentos usados para retirar da mulher negra o lugar da beleza, pois a sociedade brasileira permanece reproduzindo a ideia de que a mulher para ser considerada dentro dos padrões de beleza deve ser branca, com corpo bem definido, e cabelos lisos. Muitas mulheres negras por não fazerem parte desse modelo, se acham feias, não se aceitam e preferem fazer remodelações para se adaptarem aos padrões. No entanto, atualmente, existem mulheres e até movimentos que estão assumindo sua identidade negra e deixando os cabelos naturais, e assim, o próprio comércio tem investido na produção de produtos específicos para cabelos cacheados.

**Palavras-Chave:** Cabelo; Identidade; Mulher negra.

---

\* Aluna de Graduação em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.  
Email: eliane\_veigas@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como propósito abordar a mulher negra do cabelo liso ao cacheado. Não sei se notaram a questão do cabelo liso vir primeiro do que o cacheado, já que o “natural” deveria ser ao contrário, primeiramente o cabelo cacheado e depois o liso, mas não é o que acontece em nossa sociedade desde tempos atrás, para ser mais exata desde que a mulher negra tenta ganhar espaço na sociedade e ser aceita pela mesma, que ela tenta se adaptar aos padrões de beleza das mulheres brancas e entre eles está o cabelo liso, fazendo com que muitas mulheres acabem alisando os cabelos e perdendo suas posições de identidades.

Se prestarmos atenção vamos perceber que o cabelo sempre foi um grande ponto da História, pois, muitas das vezes revelava o poder que uma civilização tinha. Podemos notar no antigo Egito hábitos estéticos que vemos até hoje no mundo, eles usavam tranças, penteados, tingimentos, perucas e até mesmo raspavam o cabelo, onde a ausência do cabelo era mostrado como símbolo de status social do faraó, uma vez que ele tinha o cabelo raspado.

O cabelo é um dos elementos mais visíveis e destacados do corpo. Em todo e qualquer grupo étnico ele apresenta características como visibilidade, crescimento, diferentes cores e texturas, possibilitando técnicas diversas de manipulação sem necessariamente estar subordinado ao uso de tecnologias sofisticadas. (GOMES, 2003, p.81).

Estas várias formas de manipulação sem que seja necessário uso de tecnologias sofisticadas como visto acima pode ser feita por meio das tranças de penteados e por daí em diante. A questão da forma como o cabelo era tratado e usado mudava de região e de civilização para civilização, no caso dos povos judaicos, mulçumanos e depois até mesmo cristãos o cabelo da mulher era visto como uma ferramenta de sedução era uma forma de tentar o homem e por isso deveria ser coberto, e somente mostrado ao seu marido, está prática é mantida por mulçumanos e outras religiões judaicas até os dias atuais.

Com a chegada do século XVIII como retrata Quintão (2013), o continente europeu testemunha o crescimento do capitalismo e o empoderamento da moda, que passa a ser mais relevante sobre a aparência e a apresentação dos indivíduos que a religião. A partir de então a aparência da mulher, tanto em relação às roupas quanto ao seu cabelo era considerada um reflexo do status do seu marido. Os cabelos eram bem elaborados, com grandes adereços, quanto mais volume melhor, depois os cabelos foram perdendo volume, mais era necessário que os mantivessem presos por penteados, e para obter sucesso nos penteados a mulher

deveria ter fios longos e lisos. Com isso surgia um mercado de produtos para os cabelos, já que havia quem os consumissem.

Neste trabalho procuro abordar o preconceito para com as mulheres negras, que pode ser contextualizado por meio da história de um sistema social de exclusão que se deu início com a escravidão, onde a mulher negra era tratada como objeto sexual, e que esta herança preconceituosa infelizmente foi passando de geração em geração, e permanece até os nossos dias, onde para as mulheres negras é muito mais difícil conseguir emprego, muitas das vezes elas só tinham espaço como empregadas domésticas, ou ama de leite, e no cenário do matrimônio a situação não era diferente. Por conta daquela memória que foi criada sobre elas como um objeto sexual, tida como objeto de desejo de muitos homens, não eram vistas como puras para se casarem, principalmente se fosse com um homem branco.

Neste sentido, pretendo abordar como os preconceitos vivenciados pelas mulheres negras, ao longo da história, contribuíram para que elas abram mão da sua identidade, dos seus cabelos afro, ou cacheados, em troca de cabelos lisos seja por meio de chapinhas ou alisamentos químicos. Realizei entrevistas com mulheres negras entre 16 e 42 anos para entender um pouco de suas histórias em relação aos seus cabelos.

## **1- A discriminação que as mulheres negras sofreram ao longo da História.**

Falar em discriminação contra os negros em pleno século XXI é vergonhoso para um país como o Brasil que durante séculos se beneficiou com o trabalho escravo, e que grande maioria da sua população é negra, ou então tem traços negros, esta realidade de preconceito para com os negros deveria ter ficado lá no passado, mas infelizmente não é o caso, isto vem desde período da escravidão onde os negros eram inferiorizados pelos brancos, foram criadas até mesmo teorias que os inferiorizavam, mas deveríamos que ter a consciência que ninguém é melhor que ninguém, somos apenas povos com etnias diferentes, não cabe à discriminação e proponhamos aceitar as diferenças.

Antes da cor, da pele, do constrangimento social e político baseado no fenótipo, da exclusão calcada no que é entendido como “diferente”, vem à naturalização. Ela está na base de toda forma de preconceito (de gênero, identidade sexual, condição social, raça etc.) e nasce batizada pela ignorância. (MORAES, 2013, p.17).

Os três séculos de escravidão no Brasil deixaram marcas profundas, e com a mulher negra não foi diferente, até os dias atuais é ela que carrega a maior injustiça social e racista do

país, pois elas sofrem preconceito dobrado, tanto quando se diz respeito à questão de gênero, como pela raça, elas suportam muitos fardos em situações do dia a dia, quando se trata da discussão de identidade o espaço para elas é bem pequeno, tanto na mídia como academicamente, este foi um dos motivos que me despertou a trabalhar esta temática, para dar um pouco de voz a quem já foi tão excluída da História e da própria sociedade, e quando elas apareciam nunca era como protagonistas da História, para os negros muitas das vezes só era dado os porões da sociedade. Na hierarquia de gênero, por exemplo, as mulheres negras são as que mais morrem e sofrem com a violência doméstica, segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) 2013, a situação é preocupante, mais de 60% das mulheres assassinadas entre 2001 e 2009 eram negras. Este é o quadro do descaso de autoridades e da sociedade brasileira para com as negras e também os negros, muitas são discriminadas e não conseguem emprego, e o que lhes restam é a marginalização, outras são violentadas diariamente e esta violência é tida como “natural”, sem que nada seja feito para evitar este tipo de situação e diminuir estes dados.

A mulher negra no período da escravidão tinha comumente o papel de fazer os serviços domésticos, e eram exploradas sexualmente por seus senhores, quando foram libertas no período pós-abolição o que lhes restou foi se enquadrar na realização das atividades domésticas. Para elas alcançarem outras profissões tiveram e têm que batalhar bastante, pois a visão construída a cerca da mulher negra não foi favorável, muitos até hoje veem nelas um objeto sexual, e até mesmo em ambientes de trabalho elas são assediadas. Quando se fala em padrão estético elas também foram desvalorizadas, e sua inserção em uma sociedade que historicamente valorizou e valoriza o padrão estético branco é bem difícil, a construção da identidade da mulher negra é um processo longo, pois muitas das vezes elas tentam se negar enquanto negras e procuram seguir os padrões estéticos brancos.

Segundo Silva (2002), “O racismo deve ser pensado como o resultado da conjunção entre a crise da modernidade e a dificuldade que esta possui de integrar a diferença”. Talvez venha daí o próprio preconceito criado pela sociedade de não aceitar o negro, pois a sociedade não aceita as diferenças, como vamos ver mais abaixo criações de termos para amenizar o preconceito sofrido por muitos e também de tentar igualar a mulher negra com a branca, como o termo “mulata”, que se refere à mulher negra com traços brancos, segundo Coutinho (2010), este estereótipo ganhou ainda mais força na década de 1970 com o apresentador Oswaldo Sargentelli, que autodenominava-se “mulatólogo” (especialista em “mulatas”). Em seu programa ele apresentava bailarinas, sambando em biquínis, e criou o termo “mulatas tipo

exportação” para designar as mulheres que se encaixavam em seu padrão estético. Termo este que só fez aumentar o turismo sexual.

No período da escravidão a mulher negra era abusada sexualmente, tida como um objeto por seus senhores, e com o passar do tempo pouca coisa foi modificando-se, e este assunto sempre às preocupou, a sexualidade que era, e é atribuída a elas, segundo Coutinho (2010), a mulher negra era vista como um elemento que acabava com as famílias, e sua sexualidade era representada quase de forma grotesca, este estereótipo acompanha a cultura do negro até hoje e é disseminada principalmente pela televisão e cinema.

O “ser mulata” no Brasil, assim como o “ser negro”, passa por algumas variáveis, como região, idade, profissão, entre outros. Esta caracterização e hierarquização passam também, claramente, por fatores estéticos. A beleza, pelos padrões brasileiros, está sempre associada à branquitude. A “mulata” apresenta traços brancos que a fazem desejável sexualmente, porém ostentam a imagem de libertinagem sexual relacionada à negritude, tornando-se assim o perfeito objeto sexual dentro do imaginário da brasilidade. (COUTINHO, 2010, p.69).

O estereótipo da mulher negra vista como mulata, faz com que elas sejam vistas por muitos como um objeto sexual, isto acarreta no turismo sexual, muitos estrangeiros tem esta visão sexual da mulher negra no Brasil, e grande maioria vem visitar o país atraído pela imagem que tem a cerca delas, imagem está criada por nosso próprio país em campanhas para divulgar o carnaval, isto acarreta como já foi falado acima no turismo sexual, estrangeiros vem para o nosso país como o intuito de explorá-las sexualmente.

Muitas das vezes quando uma mulher negra consegue um cargo de ascensão no trabalho, muitos dizem que foi sorte, como se ela não fosse capaz de conquistar um alto cargo por mérito próprio. Coutinho (2010) O abuso que elas sofreram ao longo da História pouco foi dado importância, muitas das vezes está exploração era legitimada e impune, transformando-se assim em uma espécie de tradição social histórica, como se a culpa fosse da mulher negra por sua própria exploração. O problema do preconceito é que ele acaba se naturalizando em nossa sociedade e acaba não sendo visto como crime, mas o preconceito racial é crime sim, e tem que ser tratado e visto de tal maneira, para que o criminoso seja punido de forma adequada. Está mesma naturalização do preconceito, faz com que muitos negros não se aceitem da forma como eles são, muitos se sentem inferiorizados até hoje, e para tentar amenizar está situação acabam criando outras designações para se referir à cor negra, muitos dizem que são “morenos”, “mulatos”, “cor de canela” e etc., para não se dizerem negros.

A escravidão acabou há tempos, mas os negros ainda se sentem presos a esta sociedade preconceituosa, que muitas das vezes tentam mascarar o preconceito e não conseguem. Muitas mulheres negras são discriminadas em ambientes públicos no seu dia a dia. Muitos dizem não serem racistas, mas em seus discursos acabam tendo atitudes preconceituosas. Os efeitos pós-abolição são sofridos até hoje.

## **2-O padrão de beleza, e o estereótipo “cabelo bom” e “cabelo ruim”.**

A sociedade em que vivemos foi colonizada por europeus, e as mulheres tinham nas europeias o modelo a ser seguido e este padrão de beleza era o auge, e muitos acabam esquecendo que moramos em um país tropical com diferentes etnias e com uma miscigenação, então os padrões não deveriam ser apenas um, mas sim, vários.

Este modelo de beleza, de uma mulher branca com cabelos lisos, corpo bem definido está estampado em todas as mídias, fazendo com que os produtos de beleza voltados para alcançar este tal padrão seja predominante nas lojas, principalmente em relação aos cabelos. Ao buscar se adequar ao modelo de beleza da mulher branca, as negras sentem necessidade de mudar em alguns casos alguns aspectos do corpo, como o nariz, a boca, através de cirurgias plásticas, mas a grande maioria das mulheres modifica o cabelo. Alisam e pintam. Esse ideal de beleza visto por alguns como universal é, na realidade, construído socialmente, num contexto histórico, cultural e político, e por isso mesmo pode ser ressignificado pelos sujeitos sociais. (GOMES, 2003, p.81).

O cabelo crespo é um dos principais argumentos usados para retirar da mulher negra o lugar da beleza, pois a sociedade brasileira permanece com aquele padrão do ser belo europeu, e o que não é igual a este padrão é tido como feio, muitos não aceitam as diferenças. Como diz Sant’anna (2014), em um passado recente, a beleza negra foi amplamente negada ou, então tratada de modo inferior pela mídia. O cabelo visto como “bom” era aquele liso, com pouco volume, já o “cabelo ruim” era o cacheado, crespo que tinha volume.

Uma sociedade racista usa de várias estratégias para discriminar o negro. Alguns aspectos corporais, no contexto do racismo, são tomados pela cultura e recebem um tratamento discriminatório. São estratégias para retirar do negro o status de humanidade. Talvez seja esta uma das piores maneiras de o racismo se perpetuar. Ele transforma as diferenças inscritas no corpo em marcas de inferioridade. Nesse processo são estabelecidos padrões de superioridade/inferioridade/beleza/feiúra. (GOMES, 2003, p.80).

Nas últimas décadas muitos produtos foram colocados no mercado com o objetivo de alisar os cabelos cacheados. O cabelo cacheado ou “cabelo ruim”, ao ser alisado torna-se semelhante ao “cabelo bom” ou cabelo liso, e com isso as mulheres negras acreditam estarem mais próximas do padrão de beleza estabelecido no momento. Negar a beleza do cabelo cacheado é uma forma de desvalorizar as mulheres negras e de inferiorizá-las.

Os próprios produtos para cabelos cacheados, muitas das vezes tendem a desvalorizar o cabelo afro, pois em seus rótulos vêm escritos frases do tipo “para cabelos indomáveis”, “para diminuir o volume”, e etc. Mas, quem foi que disse que para o cabelo ser bonito ele não pode ter volume? “Domar os cabelos”, o que significa? Estaria fazendo referência a animais? Se os produtos indicados para cabelos cacheados, tratam suas consumidoras com preconceito. Como se sente as mulheres que usam os produtos, por possuírem os cabelos volumosos?

Até que ponto o cabelo precisa ser liso para ser bonito?

No momento, já existe, linhas de produtos voltados especificamente para os cabelos com cachos, principalmente, voltados para a redução do volume, e para o alisamento. Porém, é bem inferior se comparado aos produtos de cabelos lisos e quimicamente tratados. A Nazca Cosméticos, fundada em 1986, foi uma das marcas pioneiras no Brasil a fabricar produtos para as negras, depois disto outras empresas também desenvolveram produtos destinados ao “mercado étnico”, já podemos perceber melhorias, até mesmo no que diz respeito a forte aceitação que as mulheres estão tendo em relação ao seu cabelo “natural”. (SANT’ANNA 2014).

Ao longo do tempo uma das formas com que as mulheres encontraram para combater esta discriminação foi através dos cabelos, das cirurgias, etc. Porém, atualmente, muitas mulheres negras estão deixando para traz os padrões estéticos impostos pela sociedade, e criando o seu próprio “padrão de beleza”. Vem sendo praticados movimentos de resistência e várias mulheres negras já deixam seus cabelos “naturais”.

O cabelo é de grande importância para os negros, pois por trás dele está toda uma tradição cultural, ele carrega uma ancestralidade, a forma com que o cabelo é manipulado mantém que de certa forma uma inspiração africana mesmo que muitos não saibam as tranças, os penteados mostram a carga cultural que ele tem. E na atualidade estão presentes as inspirações dos cabelos da África mesmo que não seja da mesma maneira que antigamente, ele vem ressignificado entre nós, em espaços como nos salões étnicos, como diz Gomes: Os

salões étnicos espalhados pelas mais diferentes cidade e estados brasileiros apresentam-se como um dos espaços em que essa celebração é possível. (GOMES, 2003, p.83).

Não são muitos estes tipos de salões especializados em cabelos cacheados, mas já é um grande avanço para as mulheres que querem ter como cuidar e manter o seu cabelo de forma “natural”, com esses salões especializados elas se sentem valorizadas e a cada dia mais este mercado vem ganhando espaço. Porém, estes salões étnicos existem no Brasil desde o início do século XX: Cabeleireiros “especialistas em pessoas de cor preta” existiam na capital paulista dos anos 1920 e 1930, justamente quando a imprensa negra anunciava um produto denominado O Cabelisador. (SANT’ANNA, 2014, p.79).

## **2.1 O cabelo afro e a aceitação da identidade negra**

Na atualidade um assunto de grande importância quando se fala na identidade da mulher negra é a estética, pois como já foi abordado acima a mulher negra é vítima de uma forte desvalorização em diferentes níveis, inclusive no que diz respeito à estética. Quando se trata de produtos de beleza específicos a esta etnia o número é muito pouco, quase não se encontra produtos desenvolvidos especialmente para as mulheres negras, pois não é dado devido destaque para as negras como símbolo de beleza.

Depois da cor da pele, o cabelo do negro está no centro como alvo de muito preconceito é ele um dos principais focos de preocupação estética entre as negras, que muitas das vezes se veem encurraladas, ou aceitam sua identidade mantendo os cabelos cacheados, crespos e etc., ou seguem o padrão europeizado alisando os cabelos. Nos dias atuais podemos notar um grande crescimento na representação negra e sua identidade através dos cabelos, vários grupos usando e valorizando seu cabelo afro e aprendendo que ele é um símbolo da sua identidade e que eles não devem perder suas raízes tentando se comparar, ou se igualar a outras etnias.

Focando agora no termo que define identidade Silva (2002) diz que nós acabamos definindo nossa identidade por meio da relação dialógica que estabelecemos com nossos outros significantes ou significativos, ou seja, dependendo da sociedade em que vivemos e de como se comporta as pessoas com que vivemos iremos desenvolver nossa identidade nos aceitando ou nos negando, se somos rodeadas por pessoas preconceituosas que veem o “cabelo afro” como “ruim”, então é um pouco difícil aceitarmos o “cabelo afro”, e acabamos

tentando nos enquadrar nos padrões ditados pela sociedade e como já foi falado antes alisamos o cabelo para sermos aceitos. [...] Pode-se notar que o diálogo que estabelecemos com nós mesmos e com o mundo externo funciona como um guia da nossa construção social, influenciando na formação das nossas identidades pessoal e social. (SILVA, 2002, p.55).

Então para formar uma sociedade sem preconceitos, cabe a todos aceitarem as diferenças e a mulher negra dar valor ao seu cabelo, não aceitando padrões a serem seguidos. Os grupos que atualmente, incentivam o uso do cabelo afro muitas das vezes fazem oficinas ensinando como valorizar o cabelo dessa forma estão contribuindo para a formação de uma sociedade menos preconceituosa, ou seja, para que a formação da identidade seja mais fácil e que ninguém precise negar a sua origem e tente passar uma imagem que não condiz com a realidade. Então este diálogo com o mundo vai se transformar e ocorrer à formação de novas identidades. Pois conforme Silva (2002) a injustiça social, a exploração e opressão decorrem de práticas sociais discriminatórias, e criam condições favoráveis para que o sujeito ou o grupo afetado internalize uma imagem desfavorável de si mesmo. Então estas práticas discriminatórias têm que serem combatidas, para que as pessoas não se sintam inferiorizadas e vale ressaltar que a identidade social, tanto como a pessoal não são fixas, elas estão sujeitas a mudanças. É necessário que esta realidade vivida por muitas mulheres negras seja modificada, para que elas não continuem passando por constrangimentos perante a sociedade apenas por possuir um cabelo cacheado ou dito “ruim”.

A consciência do eu, que surge da descoberta do significa social da cor da pele no processo de formação de vínculos afetivos e sociais, favorece tanto a revolta pessoal quanto o engajamento político nas ações coletivas, visando reparar as injustiças decorrentes da atribuição social do estatuto inferior a um determinado grupo, em razão de suas características objetivas. (SILVA 2002, p.62).

A identidade não vai ser sempre a mesma, ela muda de acordo com o tempo, e o meio social na qual é criada, pois os valores não são sempre iguais, eles mudam de lugar para lugar. Então deste ponto de vista a identidade racial é uma construção histórica e não um dado da biologia. Como diz Pereira: “Não é na cor nem nos demais traços fenotípicos de um grupo que reside a sua identidade. São, antes, as interpretações social e cultural dadas a essas características biológicas, que criam simbolicamente a identidade do grupo”. (PEREIRA, 2002, p.65).

Se partirmos do pressuposto de que nada é natural tudo é uma criação então esta afirmação proposta por Baptista está correta, pois a imagem que ficou dos negros foi totalmente criada, teorias criadas para inferiorizá-los, daí pode-se tirar a dificuldade da auto

aceitação da identidade negra, pois a visão construída acerca deles era negativa, e infelizmente tem até negros que se discriminam uns aos outros.

Muitas mulheres negras veem no seu cabelo afro uma forma de resistência, de dizer não a esse padrão de beleza que impõe os cabelos lisos, mas como foi falado anteriormente a identidade é uma construção, e em uma sociedade como a nossa brasileira que é extremamente preconceituosa com as negras, só poderia ter a consequência da desvalorização, e está desvalorização começa esteticamente e tem no cabelo afro o principal ponto de críticas, talvez por conta destas mesmas críticas é ele que atualmente está no cerne desta discussão de identidade. Nem sempre é fácil construir uma identidade negra positiva em uma sociedade como a nossa que explorou o negro e que historicamente ensina o negro desde cedo que para ele ser aceito é preciso negar-se a si mesmo.

Nos países de origem do negro, o cabelo afro tinha e tem grande valorização, “o significado social do cabelo era uma riqueza para o africano. Dessa forma, os aspectos estéticos assumiam um lugar de importância na vida cultural de diferentes etnias”. (GOMES, 2003, p.82).

Era através dos cabelos que muitos se identificavam, sabiam há qual tribo pertenciam se eram casados e etc., muitas das vezes era através dos cabelos que os homens escolhiam a mulher ideal para casar. Com a vinda para o Brasil as negras foram perdendo suas raízes, tendo os seus cabelos desvalorizados e até mesmo raspados.

### **3- Da sujeição do liso à liberação do encaracolado**

Nesta parte abordarei as entrevistas feitas com as mulheres negras, como falei anteriormente, optei a trabalhar com elas para dar-lhes voz e conhecer realmente o que elas vivenciam no cotidiano em relação aos seus cabelos.

A pesquisa teve por objetivo saber o que a mulher negra achava do seu cabelo, seja de forma “natural” ou alisada, e o que elas percebiam sobre a visão que a sociedade tinha acerca dos seus cabelos, nas respostas sobre a visão que a sociedade tem sobre cabelos cacheados foi bem negativa, pois a maioria descreveu que a sociedade não vê com bons olhos a mulher negra de cabelos cacheados e que a sociedade é preconceituosa e cria estereótipos, nada muito diferente do que já tinha sido descrito anteriormente, a pesquisa foi feita com oito mulheres, de cabelos cacheados, alisados e também com mulheres que já alisaram os cabelos e arrependeram-se e voltaram a ter o cabelo “natural”.

Durante os convites para as entrevistas, umas das partes que me chamou a atenção foi uma colega minha que quando eu perguntei se ela aceitaria ser entrevistada para o meu

trabalho de conclusão de curso – porque eu iria trabalhar sobre cabelos – ela ficou super feliz, mas quando ela soube que seria entrevistada porque ela era negra de cabelo cacheado ela não reagiu muito bem, pois ela não a considerava negra, mas “morena clara”, após seu comentário expliquei que não existia está definição de cor de pele, então ela aceitou ser entrevistada, diante desta situação constatei que não bastava você ser negra, não bastava só à cor da pele, você tinha que se sentir negra e reconhecer sua verdadeira identidade. Percebi que o que tinha lido anteriormente sobre pessoas que procuravam outras definições para não se dizerem negras era uma realidade ainda vivida atualmente, e isto é fruto de uma sociedade preconceituosa – Dai o pensamento como vou me assumir como negra se a sociedade vive inferiorizando os negros? – Então, eu tento me enquadrar em “padrões” e me defino como algo mais próximo do ser branco.

Um fator que me chamou atenção nas entrevistas foi o fato de quase todas as mulheres negras entrevistadas dizerem que já tinham sofrido preconceito por conta do seu cabelo, principalmente, quando crianças no âmbito escolar, muitas delas eram apelidadas por seus colegas com apelidos de extremo mau gosto, colocando o cabelo delas no lugar de inferior de “cabelo ruim”. Segundo as respostas de algumas entrevistas, o preconceito era constante na escola:

“Durante a minha infância, meus colegas de classe sempre colocavam apelidos por conta dos meus cabelos que eram crespos e me caçoavam”. (D.A.S, 24 anos).

“Quando passava nas ruas, na sala de aula eu ouvia gozações e até puxão de cabelo”.

“Quando era criança e adolescente, eu ouvia comentários maldosos...” (I,S,F, 42 anos).

“Quando criança (entre 5 e 10 anos), sonhava com meu cabelo liso, não gostava do meu cabelo porque minhas colegas ficavam me chamando de “cabelo de fuá”. (G.R.S, 21 anos).

Podemos notar nas falas acima, extremo preconceito por parte dos colegas das entrevistadas, e será que este preconceito nasceu com estas crianças? Como já foi falado anteriormente, não, porque somos formados de acordo com o meio em que vivemos como uma criança vai saber o que é ser negro? E como uma criança negra vai se valorizar apesar dos preconceitos vividos diariamente? Para isto há apenas uma resposta: através da educação, as escolas têm que falar do negro na perspectiva positiva, falar das contribuições deles para com a sociedade, e não ficar somente na visão do negro como um escravo, um ser inferior, como sempre foi pregado. As crianças têm que aprenderem a valorizar as diferenças, se não lhes é ensinadas a serem preconceituosas as crianças jamais iriam agir de maneira preconceituosa, isto iria transformar a sociedade e evitar que tantas crianças crescessem traumatizadas com os preconceitos vividos.

Só para ressaltar, Silva (2002) diz que a atribuição de significado social e suas propriedades físicas, desde a infância, é resultado da compreensão que vai se adquirindo enquanto a aceitação ou rejeição, implícitos nas atitudes e nas condutas dos adultos. Portanto uma criança a qual sua família tende a negar o ser negro juntamente com outras pessoas que os rodeiam vai ser bem mais difícil à aceitação da identidade negra, por outro lado uma criança que desde infância convive com negros, o qual é valorizado, a aceitação é bem mais fácil. Isto não quer dizer que ela não sofrera preconceitos fora dali, mas sim, que vai estar bem mais preparada para lutar contra eles.

Outro ponto ressaltado nas entrevistas foi em relação à questão da própria aceitação através dos cabelos, muitas delas dizem que não foi fácil, até mesmo para as que nunca alisaram os cabelos, pois os xingamentos, olhares tortos eram e são constantes. Quanto à questão da existência de produtos adequados para o cabelo afro, notei que mesmo com o crescimento desse mercado muitas no início tiveram dificuldades para encontrar produtos de acordo com as especificidades dos seus cabelos. Quando perguntado sobre as dificuldades para encontrar produtos adequados para os tipos de cabelos, as respostas foram bem variadas, as que mantêm os cabelos alisados, disseram que sentiam dificuldades antes, mas hoje em dia não. Já as mulheres de cabelos cacheados “natural” disseram que atualmente estas dificuldades estão acabando. E as que alisaram os cabelos e depois voltaram a ter o cabelo “natural” falaram que hoje em dia não sentiam tantas dificuldades, pois já experimentaram vários produtos:

“Sentia muita dificuldade, na maioria das vezes não encontrava. Agora quase todos os produtos de uma certa forma são adequados para meu cabelo”. (D.A.S, 24 anos.).

“Atualmente essa dificuldade não mais existe, facilmente encontro linhas completas de cuidados para cabelos cacheados”. (G.R.S, 21 anos).

“Hoje em dia não mais, como já testei vários produtos e já conheço meus cabelos, fica fácil encontrar produtos que tenham um bom efeito”. (C.G.S, 23 anos).

As falas nos revelam que as dificuldades para encontrar produtos adequados para os cabelos afros estão diminuindo, pois apesar de algumas delas dizerem que sentiam dificuldades, notamos que estas mesmas dificuldades estão diminuindo, é como uma das entrevistadas falou “você tem que aprender a conhecer seu tipo de cabelo e ver qual produto se adequa melhor a ele, basta ter um tempo e pesquisar”, pois hoje o mercado já abrange produtos específicos para estes cabelos.

O cabelo acaba ganhando um papel fundamental de afirmação da identidade negada, verificamos através das falas que apesar de muitas mulheres negras não terem mantido o cabelo cacheado, a visão que elas têm sobre os cabelos cacheados é bem positiva:

“Particularmente eu acho lindo”. (E.N.C, 16, anos).

“Acredito que o cabelo afro é a beleza natural da mulher e acho muito bonito quem tem coragem de assumi-lo”. (D.A.S, 24 anos).

Realmente, o que falta em muitas mulheres é coragem para assumir os seus cabelos, elas muitas das vezes sentem-se presas aos “padrões”, e querendo ou não, sente-se quase obrigadas a usarem os cabelos lisos e seguir o “padrão hegemônico”. Creio que todas elas já sofreram algum tipo de preconceito, se não no ambiente da escola, mas em outros ambientes, isto, muitas das vezes foi o causador delas quererem se igualar aos demais e não terem coragem de assumir suas identidades. Os preconceitos foram diversos e de maneiras muito dolorosas. Quando perguntado se elas já tinham sofrido algum tipo de preconceito por conta dos cabelos, as respostas foram as seguintes:

“Muitas das vezes me julgaram pelo meu cabelo. Ouvi inúmeras vezes a frase: “é ruim e o cabelo ajuda”. Sem contar de quando me olham de forma estranha ao ver meu cabelo solto, já me disseram “amarra que tá feio””. (G.R.S, 21 anos).

“Preconceitos como xingamentos, do tipo cabelo de bucha, olhares estranhos, risadas, rejeição mesmo de algumas pessoas, principalmente na fase de transição, quando deixei de alisar para assumir os cachos”. (C.G.S, 23 anos).

“Sofro preconceito constantemente”. (J.S.O, 25 anos).

Após estas respostas, sobre o preconceito sofrido por muitas, fica mais fácil compreender porque muitas alisam os cabelos, tentando serem aceitas pela sociedade. Mas também há aquelas que sofrem o preconceito, mas isto só faz com elas se fortaleçam e busquem igualdade e não abaixem a cabeça para sociedade, e use seu cabelo cacheado, crespo como forma de lutar, como forma de dizer esse é meu cabelo, bonito da forma como ele é “natural” gostem ou não. Os resultados das entrevistas serviram também para demonstrar que o cabelo cacheado das mulheres negras tem grande significado na construção de suas identidades, como também na construção de sua autoestima. Percebemos que sobre o cabelo se construíram diversas formas de identidades, no entanto prevalecendo na maioria dos discursos, em algum momento da vida das entrevistadas uma forte identidade negativa sobre os cabelos crespos. E que aos poucos está visão negativa foi se transformando, e quando indagado a mulher negra que mantém o seu cabelo cacheado atualmente ou que sempre teve o cabelo cacheado sobre como se sente em relação ao seu cabelo, as respostas foram bem positivas:

“Atualmente sinto um bem estar e sinto também que meu cabelo faz parte da beleza do Brasil”. (I.42 anos).

“Bem, forte e resistente”. (J.S.O, 25 anos).

“Feliz, gosto do meu cabelo como ele é, e não me importo com a opinião dos outros”. (A.C.B.C, 24 anos).

“Eu me sinto realizada, ótima, por poder assumir quem sou, é libertador assumir os cabelos cacheados. Me sinto autêntica e original”. (C.G.S, 23 anos).

“Meu cabelo, minha História”, ele faz parte do que eu sou da minha essência. Meu cabelo me completa”. (G.R.S, 21 anos).

Verificamos a partir das falas, a felicidade dessas mulheres com o seu cabelo “natural”, que acaba tornar-se um descobrimento, algo novo e um fato ligado há existência da construção de outra forma de se ver, uma forma positiva, um bem estar consigo mesma, como elas mesmo falaram se sentem “autênticas”, pois não querem agradar ninguém há não serem elas mesmas. Cabe-nos lembrar também que existem as mulheres negras de cabelo liso “natural”, este cabelo não foi alvo da minha pesquisa, mas nem todas as mulheres negras de cabelo liso foi porque usou alisamento para que os cabelos ficassem lisos, como o Brasil é um país miscigenado, há mulheres negras de cabelo liso “natural”, e mesmo aquelas que alisam os cabelos sentem-se felizes, nem toda mulher negra de cabelos alisados fez o alisamento e hoje sente-se triste, não na verdade tem aquelas que se sentem muito bem consigo mesmas e com a autoestima lá em cima. A pergunta feita a mulher negra de cabelo alisado foi a seguinte, você sente vontade de voltar a ter o seu cabelo natural? As respostas foram as seguintes: “Não eu me sinto bem assim”, (E.N.C, 16 anos), “me sinto bem com os cabelos lisos”, (D.A.S, 24 anos).

E pretendo concluir está parte das entrevistas com as falas das mulheres negras de cabelos cacheados, elas dando apoio para quem quer manter o seu cabelo cacheado ou voltar a ter o seu cabelo cacheado, mas não tem coragem. Nas falas, elas comentaram:

“Devemos valorizar a nossa essência, o único “padrão” a ser seguido é aquele que nos faz bem”. (G.R.S, 21 anos).

“O cabelo tem a história da nossa ancestralidade e que o conceito de beleza é amplo”. (I.S.F, 42 anos).

“Que apesar dos preconceitos eles devem aceitar seus cabelos da forma que são. Com atitude não devemos nos deixar levar pelo que a sociedade prega, ou acha correto, é preferível que tenha o cabelo natural, ao artificial por causa da imposição da sociedade”. (A.C.B.C, 24 anos).

As entrevistadas mostram que devemos usar aquilo que gostamos, se gostamos do nosso cabelo cacheado então usaremos ele desta forma, mas se gostamos dos cabelos lisos usaremos eles lisos, o importante é se sentir feliz, usando o que amamos não ligando para o que a sociedade diz e não sendo obrigados a seguir os padrões que ela impõe. Isto faz com que haja o aumento da beleza, levando também ao aumento da autoestima, gerada pela satisfação com a aparência pessoal. Sant’anna (2014), diz que a busca do embelezamento dos cabelos para as mulheres negras destacou-se ao longo do tempo como uma cultura em permanente evolução, penteados que incluem diferentes tipos de tranças, produtos para o amaciamento e o crescimento dos fios, e também a invenção de pomadas e de instrumentos

para alisá-los. Presumo que a mulher deve que usar aquilo que lhe faz bem, há várias maneiras de valorização dos cabelos, inclusive adereços para os mesmos, como por exemplo, as faixas, turbantes e mesmos as tranças, basta aderir a essas técnicas de valorização. Através da construção deste trabalho pude perceber a importância dos cabelos para os negros, e também para construção de sua identidade, o problema não é alisar ou deixar de alisá-los, mas sim, a forma como é imposta o alisamento pela sociedade, a mulher negra deve escolher seguir o que lhe faz feliz, criar seu próprio padrão.

## BLACK WOMEN'S STRAIGHT HAIR TO CURLY

### **ABSTRACT**

In this article, I discuss how the prejudices experienced by black women throughout history have contributed to that they give up their identity, their african hair curly or frizzy in exchange for straight hair either through tapers or straightening chemicals. Interviews were conducted with black women between 16 and 42 with straight and curly hair. The curly hair is one of the main arguments used to remove the black woman the place of beauty, because the Brazilian society remains reproducing the idea that woman to be considered within the beauty standards must be white with well-defined body and hair smooth. Black women being not part of this model, many find themselves ugly, they do not accept and prefer to make renovations to adapt to the standards. However, currently, there are women and even movements that are taking their black identity and letting the natural hair, and thus the trade itself has invested in the production of specific products for curly hair.

**Keywords:** Hair, Identity, Black Women.

## REFERÊNCIAS

COUTINHO, Lúcia Loner (org.). **Antônia sou eu, Antônia é você: identidade de mulheres negras na televisão brasileira**. 2010. (Dissertação Mestrado) Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/4417/1/423848.pdf>. Acessado em: 10/11/2015.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. **Revista brasileira de educação**, n. 23, Maio/Jun/Jul/Ago 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a05.pdf>. Acessado em: 08/01/2016.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n1/a12v29n1.pdf>. Acessado em: 08/01/2016.

Fabiana (org.). **No país do racismo institucional: dez anos de ações do GT Racismo no MPPE**. Recife: 2013.

PEREIRA, João Baptista Borges; SILVA, Maria Palmira da. “O negro e a identidade racial brasileira”, “Identidade e Consciência racial brasileira” . In: Vários autores (org.). **Racismo no Brasil**. ABONG, 2002.

QUINTÃO, Adriana Maria Penna. **O que ela tem na cabeça? Um estudo sobre o cabelo como *performance* identitária**, 2013. (Dissertação Mestrado) Universidade Federal Fluminense, Niterói. Disponível em: [http://www.uff.br/ppga/wp-content/uploads/2013/10/O-QUE-ELA-TEM-NA-CABECA\\_-Um-estudo-sobre-o-cabelo-como-performance-identitaria.pdf](http://www.uff.br/ppga/wp-content/uploads/2013/10/O-QUE-ELA-TEM-NA-CABECA_-Um-estudo-sobre-o-cabelo-como-performance-identitaria.pdf). Acessado em: 28/02/2016.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de (org.) **História da beleza no Brasil**. São Paulo: contexto, 2014.

SANTOS, Luane Bento dos. **Usos e imagens sobre os cabelos crespos das mulheres negras**. Mestranda em Relações Etnicorraciais no CEFET-RJ, 2012. Disponível em: <http://docplayer.com.br/7889251-Usos-e-imagens-sobre-os-cabelos-crespos-das-mulheres-negras.html>. Acessado em: 10/11/2015.

SILVA, Maria Nilza da. A mulher negra. **Revista Espaço Acadêmico**, São Paulo: Ano II, Número 22, 2003, mensal, ISSN 1519.6186. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/022/22csilva.htm>. Acessado em: 10/11/2015.